

A vitória de Sheinbaum na sombra de AMLO

A vitória surpreendeu por ter alcançado 59% dos votos (contagem preliminar), votação nunca antes atingida pelos presidentes anteriores, num ambiente eleitoral altamente polarizado

Paula Borges Santos | Público | 8 de Junho de 2024

As eleições de 2 de junho no México foram históricas por três razões principais. Primeira, pela realização bem sucedida do maior ato eleitoral livre e competitivo do México realizado até ao momento, onde foram disputados 20 000 cargos em simultâneo, que envolviam desde a presidência da República, passando pelas câmaras legislativas, até aos lugares autárquicos nos 32 estados do País.

Apesar das alegadas inconsistências na eleição presidencial que obrigarão nos próximos dias à recontagem de votos em algumas mesas (mas sem previsão de alteração dos resultados finais), a generalidade das operações eleitorais foi um sucesso na medida em que foram superadas duas ameaças importantes que rodearam as eleições. Uma, o risco de desestruturação do próprio sistema eleitoral, sujeito a elevada instabilidade nos últimos meses, após tensas lutas internas nas principais agências encarregadas de supervisionar as eleições, na sequência de tentativas de ingerência do atual presidente Andrés Manuel López Obrador (AMLO) sobre a Agência Nacional Eleitoral (INE), em defesa da qual se lançou a campanha “Marea Rosa”, custeada pelo Partido Acción Nacional (PAN), cujos protestos encheram o Zócalo. Outra ameaça residia no clima de violência eleitoral que se manifestou até ao encerramento das campanhas, com 37 assassinatos de candidatos autárquicos, e que se revelou fora de controle das autoridades responsáveis pela segurança pública. Tais crimes e o medo associado à imprevisibilidade da atuação de grupos criminosos organizados acabaram, contudo, por não impedir a realização dos atos eleitorais, embora esteja por apurar o condicionamento que geraram sobre a participação eleitoral a nível estadual e local, sabendo-se para já que existiu muita intimidação.

Segunda razão, pela eleição, pela primeira vez na história do País, de uma mulher para chefe de Estado, Claudia Sheinbaum, judia, engenheira e reputada académica, política experimentada e candidata promovida por AMLO. Apesar de prevista pelas sondagens, a sua vitória surpreendeu por ter alcançado 59% dos votos (contagem preliminar), votação nunca antes atingida pelos presidentes anteriores, num ambiente eleitoral altamente polarizado. Os vários méritos de Sheinbaum, em particular a avaliação positiva de muitos sobre o seu desempenho como presidente da câmara da Cidade do México, justificarão em parte a escolha do eleitorado, mas a votação expressiva que obteve é indissociável do suporte de

campanha que lhe deu a máquina política bem oleada do Morena e dos seus aliados.

Por fim, terceira razão, pelo alinhamento dos resultados, marcados pela dimensão inesperada da vitória esmagadora do partido Morena. Além do estrondoso êxito de Sheinbaum, o partido de AMLO alcançou super maiorias na Câmara dos Deputados e no Senado, obteve ainda o governo da Cidade do México e confortáveis vitórias em disputas estaduais e locais onde se esperava elevada competição. Face a estes resultados, AMLO converteu-se no grande vencedor das eleições mexicanas e muitos analistas têm considerado que refletem uma aprovação altíssima do seu mandato.

Ora, uma tal validação popular não deixa de ser paradoxal por colidir abertamente com falhas graves identificadas na liderança de AMLO, mesmo entre a sua própria base de apoio. Com efeito, muitos dos seus apoiantes, que se encontram também em setores fortemente penalizados pela sua governação, como são as classes média, ou mais sectorialmente, o mundo universitário, acusado por AMLO de se ter “direitizado”, não ignoram importantes sinais de alarme lançados por López Obrador sobre a jovem democracia mexicana, nomeadamente: o estilo persecutório introduzido pelo presidente sobre os seus opositores (inclusive no seu programa de segunda a sexta de várias horas, a *mañanera*, transmitido no YouTube e em estações de rádio, a fazer recordar a performance de Hugo Chávez, na Venezuela); as suas pressões sobre agências reguladoras independentes; ou, fonte de maiores preocupações ainda, as polémicas reformas judiciais e institucionais, que enfraquecem a separação de poderes e debilitam o Estado de Direito, que deixou preparadas e podem, com a nova paisagem nas duas câmaras políticas, vir a ser aprovadas.

A inquestionável vitória de AMLO espanta ainda porque, sendo verdade que algumas das suas políticas sociais permitiram às classes mexicanas mais baixas viver, pela primeira vez, acima da linha da pobreza, a sua estratégia, propagandisticamente intitulada “Quarta Transformação” e marcada pela reversão de obra dos presidentes que lhe antecederam, não apresenta resultados brilhantes. O problema da segurança avolumou-se, tendo permitido que grupos criminosos fortalecessem o seu poder, controlando cada vez mais circuitos da economia nacional. Esta desacelerou, limitada a um crescimento de 3% ao ano, com uma inflação por controlar e com o sector privado hostilizado pela governação, mesmo quando o México se tornou o principal mercado dos Estados Unidos da América. A intervenção estatal no mercado energético encerrou projetos de energias renováveis e bloqueou o acesso de empresas privadas ao armazenamento e transmissão de energia, falhando na tentativa de melhorar a exploração petrolífera, através da Pemex. O País não cumpriu os compromissos climáticos e a poluição cresceu em várias cidades. O problema da escassez da água, num quadro agravado de seca, continuou sem resolução. Os sistemas de educação e saúde sofreram cortes profundos e decaíram profundamente.

Esta pesada herança será herdada pela presidente eleita, que tomará posse a 1 de outubro deste ano, e a sua verdadeira prova, que envolve a sua capacidade de transformação do México, começa agora, depois deste ato eleitoral. Do ponto de vista ideológico, Sheinbaum coincide com AMLO. Os seus eleitores estão conscientes das afinidades entre os dois, mas a maioria, segundo uma sondagem publicada em Março pela Reforma, espera que se desvincule das reformas de AMLO e que construa a sua própria agenda. Ao certo, ninguém tem certezas de como irá atuar Sheinbaum. Ao longo da campanha eleitoral, apostou na ideia de continuidade com o atual presidente, embora as suas principais propostas apontem para alteração de algumas políticas, sobretudo no que envolve a sua área de especialidade, prometendo acelerar a transição energética ou

criar um plano nacional de recursos hídricos. Sobre questões fraturantes, como a reforma constitucional do sistema judicial, desenhada por AMLO, não se comprometeu, mas também não a afastou. Externamente, os seus maiores desafios são o diálogo com os EUA e a China, restando saber se opta por uma relação preferencial com a administração americana e resiste à crescente intervenção económica da China no País.

Num mandato de seis anos, é possível que se venha a assistir a dois tempos distintos em Sheinbaum, conhecida pelo seu perfil racional, separados pelo “teste de sobrevivência” que será o referendo de revogação, introduzido por AMLO no sistema e que será testado pela primeira vez a meio do seu mandato. Até esse referendo, é possível que a presidente surja apenas como sobrevivente, brilhando com recurso a medidas sociais e de segurança que fomentam satisfação entre grupos fragilizados da população, evitando criar instabilidade nas bases do partido, que seguramente continuará a ser manobrado por AMLO.

<https://www.publico.pt/2024/06/08/mundo/analise/vitoria-sheinbaum-sombra-amlo-2093430>